ISSN: 2358-8829

TECENDO NOVAS HISTÓRIAS: VOZES FEMININAS E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CIDIPE E GALATEIA

Marcelle de Lemos Vilela Quirino [1]
Viviane Moraes de Caldas [2]

INTRODUÇÃO

A voz feminina, em um mundo regido pelo sistema patriarcal, constitui-se frequentemente como um ato de resistência, sobretudo diante do histórico silenciamento imposto a mulheres que, falando ou escrevendo, tiveram sua atuação sistematicamente diminuída e/ou apagada.

Nesse contexto, a literatura tem contribuído para reverter essa situação, resgatando do passado personagens e personalidades que expressaram uma realidade diversa, na qual as mulheres falavam sobre si ou contavam com escritores que provavelmente demonstravam simpatia à causa feminina. Em *Heroides* (25 a.C.~16 d.C.), o poeta romano Ovídio constrói vozes femininas, que ele considera heroínas, mas que muitas vezes passam despercebidas quando ouvimos suas narrativas em versões canônicas. O poeta expõe situações de violência, como no caso de Cidipe (Ov. *Her*. XXI, 1-248), jovem que casa contra sua vontade.

Na contemporaneidade Madeline Miller faz algo semelhante ao escrever *Galateia* (2022) um livro que conta a história de Pigmalião, um homem que se sentindo enojado com o comportamento das mulheres que via, acaba esculpindo uma mulher de mármore pela qual se apaixona e a qual ganha vida para viver para sempre com seu criador, através do poder da deusa Atena. Galateia é o nome da mulher criada do mármore, mas a história ganha uma nova roupagem sob a perspectiva feminista da autora mencionada.

Este trabalho tem como objetivo analisar comparativamente a carta de Cidipe e a narrativa de Galateia, a fim de evidenciar como a reescrita contribui para a denúncia das violências de gênero para a ressignificação da experiência feminina. Trata-se de uma

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, marcelle.lemos@estudante.ufcg.edu.br;
[2] Professora orientadora: Pós-Doutoranda, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br.

pesquisa de cunho bibliográfico (Gil, 2002), fundamentada em Tatar (2022), sobre protagonismo feminino na mitologia; Cixous (2022), a escrita feminina; Miller (2022), sobre o processo de reescrita mitológica sob viés feminista; e León (2015), sobre o panorama social das mulheres na Roma Antiga. Como resultado mostramos a importância da escrita feminina e das releituras da tradição clássica como operadores de estratégias críticas de visibilização e enfrentamento das violências de gênero.

METODOLOGIA

A presente pesquisa configura-se como um estudo de cunho bibliográfico (Gil, 2002), uma vez que se desenvolve a partir da leitura, análise e interpretação de fontes textuais primárias e secundárias, sem recorrer a coleta de dados empíricos. O corpus da investigação é composto por dois textos literários de períodos distintos: a carta de Cidipe, integrante das *Heroides,* de Ovídio (Ov. *Her.* XXI, 1-248), e a narrativa *Galateia*, de Madeline Miller (2022). A escolha dessas obras justifica-se pela afinidade temática entre ambas, a representação de vozes femininas e de situações de violência de gênero, o que viabiliza a comparação proposta.

O percurso metodológico organiza-se em três etapas complementares. Inicialmente, realiza-se a leitura atenta e a análise de cada obra, com atenção à construção das personagens femininas, às suas falas e aos contextos de violência que atravessam suas trajetórias. Em seguida, procede-se ao levantamento e à sistematização do aporte teórico que fundamenta a discussão, tomando como base as contribuições de Tatar (2022) sobre o protagonismo feminino na mitologia, Cixous (2022) acerca da escrita feminina, Miller (2022) sobre o processo de reescrita mitológica sob viés feminista e León (2015) sobre o panorama social das mulheres na Roma Antiga. Por fim, desenvolve-se a análise comparativa entre as duas narrativas, à luz desse referencial, buscando evidenciar aproximações e distanciamentos na forma como cada autoria constrói e ressignifica a experiência feminina.

A abordagem adotada é de natureza qualitativa e comparatista, orientada pela perspectiva dos estudos de gênero e da crítica literária feminista. A comparação entre a carta ovidiana e a reescrita contemporânea de Miller não visa a uma hierarquização valorativa entre os textos, mas sim à compreensão de como a releitura da tradição clássica opera como estratégia crítica de visibilização e enfrentamento das violências de gênero. Dessa forma, a metodologia adotada mostra-se coerente com o objetivo do trabalho, na medida em que articula a análise textual das obras ao referencial teórico selecionado,

ISSN: 2358-8829

permitindo demonstrar a importância da escrita feminina e das reescritas mitológicas como instrumentos de denúncia e de ressignificação da experiência das mulheres.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao contrário do que pode-se pensar, as mulheres já escreviam na antiguidade, no entanto, o sistema patriarcal lhes relegou ao esquecimento. Muito do que se tinha de produções textuais por parte de autoras mulheres se perdeu ao longo do tempo. Autoras como Safo, poeta grega que fez muito sucesso na antiguidade, só teve fragmentos de sua obra como sobreviventes desse sistema.

Assim, para desmistificar a falsa sensação de que as mulheres não escreviam nada em tempos remotos Vick León, em sua obra *O prazer do sexo: Uma celebração da luxúria, do desejo e do amor na Antiguidade* (2015), resgata a história de duas escritoras apagadas pelo tempo, mas que foram relevantes para a Antiguidade Clássica, assim como Safo, eram Filenis, escritora que viveu na ilha de Samos, localizada na Grécia, escreveu um livro intitulado *Sobre beijos indecentes*, um manual erótico que a pesquisadora diz ter sido popular na época no qual foi lançado, bem como teria servido de inspiração para a obra *Arte de Amar,* de Ovídio (Léon, 2015, p.60).

Léon lembra, ainda, sobre a poetisa Elefantis que na Antiguidade Clássica escreveu um manual ilustrado sobre como fazer sexo grupal, tal trabalho teria feito tanto sucesso que foi citado na obra de Suetônio por ser um livro, conforme o historiador, utilizada pelo imperador Tibério em suas aventuras sexuais. Por último, a pesquisadora cita Nico de Samos "chamada por Xenofontes de autora de livros obscenos" (2015, p.62) e Astianasa, também escritora de livros pornográficos que abordavam sobre posições sexuais.

Tais fatos só evidenciam que as mulheres escrevem e expressam seus desejos, bem como os da sociedade da sua época, desde a Antiguidade. No entanto, o silenciamento imposto a muitas mulheres pelo sistema patriarcal, como dito anteriormente, nos impediu de saber da existência delas, bem como impediu que as obras de muitas delas se perpetuassem ao longo do tempo.

Para Tatar, esse silenciamento das mulheres vem acontecendo de forma gradual há muito tempo, pois "desde Eva e Pandora, nossa cultura tem considerado as mulheres curiosas como portadoras de uma curiosidade desobediente, que relacionam o seu desejo por mais conhecimento com anseios obscuros e proibidos" (2022, p.12). Assim, não é interessante para o sistema patriarcal que as mulheres escrevam sobre mundo e sobre si,

ISSN: 2358-8829

muito menos que tenham acesso a conhecimentos que em muitos períodos da história da humanidade lhes foram negados pela restrição ao acesso ao conhecimento.

Cixous lembra que para que o mundo conheça as necessidades e dores pelas quais as mulheres passam é necessário que elas se mostrem através da escrita e para isso deixa um recado bem claro:

> É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objeto mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história – , por seu próprio movimento. (2022, p.41)

Como a autora supracitada explana, a mudança de paradigma que fará as pessoas passarem a olhar diferente para a história das mulheres, bem como a pensarem em suas demandas, se dará justamente através da escrita. Foi através da escrita que os homens contaram suas versões sobre acontecimentos históricos, assim como se inscreveram no mundo como referências. As mulheres também fizeram isso, em uma escala menor na Antiguidade dada as dificuldades de acesso a educação, mas foram sistematicamento silenciadas e isso fez com que seus direitos fossem suprimidos.

O movimento feminista, com o resgate de histórias e a reescrita de muitas delas, vem promovendo uma mudança de prisma que faz com que a sociedade passe a inserir a mulher em lugares que antes lhes eram cerceados. A escrita sempre foi um espaço de poder e por isso pouco acessível, em algumas sociedades e circunstâncias, para as mulheres. Com isso, a violência contra a mulher, por exemplo, em alguns períodos da história pouco era discutida, vista ou falada. Pois as mulheres não tinham credibilidade diante de uma sociedade patriarcal.

Simone de Beauvoir em sua obra *O segundo sexo* (2019), demonstrou que a mulher é historicamente construída como o "Outro", inessencial, secundário, definido em relação ao homem, que se pretende Sujeito absoluto . Essa análise ilumina diretamente a condição de Cidipe, cujo consentimento é fabricado por instituições que a tratam como objeto de troca, e de Galateia, cuja existência, no mito ovidiano, só adquire sentido na medida em que serve ao desejo de Pigmalião. Gerda Lerner também problematiza, assim como Beauvoir, a objetificação da mulher ao mostrar em sua obra *A criação do patriarcado* (2019), que essa prática começou justamente quando as mulheres foram subjugadas em comunidades mais antigas e passaram a ser moeda de troca de tribos que

necessitavam da capacidade reprodutiva delas para se perpetuar, tal ato se perpetuou na nossa sociedade ao ponto da reificação da mulher se tornar comum ao longo da história.

A violência contida no mito de Pigmalião e Galateia, no qual o escultor transforma uma mulher em seu objeto, por exemplo, fica ainda mais exposta através da reescrita da Miller. Pra a autora "o final feliz de Pigmalião só é feliz se você aceitar uma boa dose de ideias repulsivas: a noção de que uma mulher boa é aquela desprovida de qualquer identidade para além da função de servir a um homem[...]" (2022, p.83). Miller faz questão de ressaltar aspectos que seriam repugnantes se pensassemos na narrativa mitológica acontecendo no mundo atual. E isso nos mostra a impostância da escrita feminina para mostrar o lado que muitos insistem em não ver, que é a versão das mulheres sobre a violência sofrida por elas.

E pensando na importância de se contar e denunciar a violência cometida contra as mulheres, Ovídio, um poeta romano da Antiguigade Clássica, traveste sua escrita e empresta sua imaginação para escrever cartas contando como as mulheres colocariam no papel o que estava realmente sentindo e vivenciando nas narrativas mitológicas. Cidipe, por exemplo, mostra sua indignação ao ser forçada a casar com um homem pelo qual não nutre sentimentos. Uma realidade que o autor provavelmente presenciou com frequência na Roma Antiga, na qual muitas mulheres de famílias nobres tinham que cumprir o que a família designava, inclusive o casamento.

Ovídio não era mulher, mas decidiu fazer um livro no qual a maioria das cartas são escritas por personagens femininas que contam as dores que uma mulher sentia na sua época e muitas vezes eram ignoradas, pois o sistema vigente era o patriarcal, no qual poucos se importavam com o que as mulheres passavam e sentiam. Ovídio usa então sua passabilidade como homem de uma classe social reconhecida para dar espaço para que as pessoas dêem atenção a realidade pela qual as mulheres passavam. O autor sabia que as mulheres escreviam, mas também tinha ciência que a sociedade na qual estava inserido as ignorava, em alguns aspectos, bem como silenciava a muitas.

No tópico seguinte traremos as discussões que foram levantadas ao compararmos a carta de Cidipe e a história de Galateia, bem como a coragem e a importância de Ovídio e Miller em reescreverem as narrativas mitológicas a partir do olhar feminino, principalmente no que tange à temática da violência contra a mulher.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A história de Cidipe, narrada em *Heroides,* de Ovídio, apresenta uma das formas mais insidiosas de violência de gênero: aquela que se consuma pela manipulação da linguagem e pela cumplicidade das instituições. A jovem, ainda muito nova, dirige-se ao templo de Ártemis, em Delos, onde Acôncio, astutamente, lança diante dela uma maçã com a inscrição "juro que me casarei com Acôncio". Ao ler em voz alta as palavras gravadas no fruto, Cidipe sela, sem saber, um juramento religioso que a vincula a um homem que jamais escolheu. De volta a Atenas, o pai arranja-lhe outro casamento, mas a jovem adoece gravemente três vezes, sempre às vésperas das núpcias.

O oráculo de Delfos revela que Ártemis pune o falso juramento, e o pai, sem alternativa, entrega a filha a Acôncio. Na carta, Cidipe não expressa amor, mas indignação e desespero diante de um destino que lhe foi imposto por um artifício textual. Seu corpo doente torna-se a única linguagem de resistência disponível, ainda que insuficiente para reverter a decisão alheia. O episódio evidencia como o consentimento feminino pode ser fabricado por meio de dispositivos religiosos, familiares e linguísticos que operam sob a aparência de legitimidade.

Já o mito de Pigmalião, narrado por Ovídio no livro X, das *Metamorfoses*, oferece outro paradigma de violência: aquele que se funda na negação da mulher real em nome de um ideal masculino de perfeição. Pigmalião, repugnado pelos vícios que atribui às mulheres de seu tempo, decide permanecer solteiro e dedica-se a esculpir uma estátua de marfim com tal maestria que se apaixona pela própria obra. A perfeição da criatura reside justamente em sua ausência de vontade, de voz e de vínculos: ela é pura matéria moldada pelo olhar e pelo desejo do escultor.

Pigmalião suplica a Vênus que lhe conceda uma esposa semelhante à sua obra, e a deusa, atendendo ao pedido, transforma o marfim em carne. O casal une-se e gera Pafos. O episódio configura um final feliz: a devoção do artista é recompensada, e a estátua ganha vida para pertencer àquele que a criou. No entanto, a lógica que sustenta esse desfecho pressupõe que a mulher desejável é aquela que não possui existência própria para além da função de servir ao homem que a produziu. A vida concedida à estátua é meramente biológica; não há nela qualquer traço de subjetividade, memória ou desejo autônomo.

Madeline Miller, em sua releitura, opera uma inversão decisiva nesse arranjo narrativo ao conceder a palavra à própria criatura. Em *Galateia*, a protagonista narra em primeira pessoa sua existência como esposa de Pigmalião, confinada em uma casa isolada

sobre um penhasco, vigiada por médicos e enfermeiras, submetida a um regime de controle que a mantém pálida, fria e reclusa. Pigmalião, na versão de Miller, é um marido ciumento e possessivo que exige que a esposa se comporte como a estátua que um dia foi: silenciosa, imóvel, disponível. A violência que ele exerce não é física, mas estrutural: ele controla o espaço, o tempo e o corpo de Galateia, negando-lhe qualquer forma de sociabilidade ou autonomia. Aos poucos, a protagonista toma consciência de sua condição e planeja a fuga, que executa com frieza e determinação. A transformação de pedra em mulher, que em Ovídio encerra a narrativa, em Miller é apenas o começo de uma outra história: a da mulher que decide deixar de ser objeto para tornar-se sujeito de sua própria vida.

A comparação entre os dois autores revela tanto continuidades quanto rupturas significativas. Ovídio, homem romano da elite equestre, escreve em uma época em que as mulheres de famílias nobres tinham seus casamentos decididos pela família e em que a voz feminina raramente encontrava espaço na esfera pública. Ao escolher compor cartas em nome de heroínas mitológicas, o poeta adota uma estratégia de travestimento escritural: ele empresta sua pena às mulheres para que elas possam expressar dores que a sociedade de seu tempo tendia a ignorar. Essa operação tem um valor inegável, pois torna audível, ainda que por intermediação masculina, o sofrimento de personagens como Cidipe. Ovídio é simpático à causa feminina, mas sua simpatia opera dentro dos quadros de sua época e de sua posição social.

Miller, por sua vez, escreve a partir de um horizonte histórico moldado pelas conquistas do movimento feminista e pelos estudos de gênero. Sua estratégia não é falar *pelas* mulheres, mas criar as condições narrativas para que a mulher fale por si mesma. Ao transformar Galateia em narradora, Miller devolve à personagem a agência que o mito lhe negava. O relato em primeira pessoa permite que o leitor acesse não apenas os fatos da dominação, mas a experiência subjetiva de quem a sofre: o tédio, o medo, a raiva, o cálculo silencioso da fuga. Além disso, Miller explicita aquilo que o texto de Ovídio deixa na sombra: a premissa misógina de que uma "boa mulher" é aquela desprovida de identidade própria. Ao tornar visível essa premissa, a autora contemporânea não apenas denuncia a violência do mito, mas também impede que ele continue sendo lido como uma história de amor ou de recompensa divina.

A relevância dessa dupla leitura para a discussão sobre escrita feminina e combate à violência de gênero é considerável. Em primeiro lugar, ela demonstra que a literatura

ISSN: 2358-8829

não é um espaço neutro: narrativas aparentemente inocentes, como o mito de Pigmalião, podem codificar e perpetuar estruturas de dominação que só se tornam visíveis quando lidas a contrapelo. Em segundo lugar, evidencia que a reescrita feminista não é um exercício de anacronismo, mas uma operação crítica que resgata do passado experiências silenciadas e as reinscreve em um horizonte de inteligibilidade presente. Quando Miller faz Galateia narrar sua própria história, ela está realizando algo que Cidipe, na carta ovidiana, não pôde fazer: transformar a escrita de instrumento de violência em ferramenta de libertação. A carta de Cidipe termina com a jovem ainda presa ao juramento que lhe foi imposto; o relato de Galateia termina com a protagonista deixando para trás a casa, o marido e a identidade de estátua. Essa diferença de desfechos não é apenas literária: ela condensa séculos de lutas femininas pela conquista da palavra e pela recusa do silêncio.

Por fim, a comparação entre Ovídio e Miller permite formular uma conclusão que articula os dois polos da questão. Ovídio, com todas as limitações de sua posição, abriu uma fresta: mostrou que as mulheres tinham dores que mereciam ser contadas e que a poesia podia ser um veículo para essa denúncia. Miller, partindo dessa fresta, escancarou a porta: mostrou que as mulheres não apenas têm dores, mas têm histórias, projetos, estratégias e vozes capazes de reconfigurar os próprios termos em que a violência é narrada. A escrita feminina, nesse percurso, deixa de ser um apelo à compaixão masculina e passa a se constituir como exercício de autodeterminação narrativa. E é precisamente nesse deslocamento, do "falar sobre" para o "falar a partir de", que reside a contribuição mais decisiva da literatura para o enfrentamento da violência de gênero: não apenas tornar a violência visível, mas devolver às mulheres a palavra com que podem nomeá-la, denunciá-la e, sobretudo, recusá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre a carta de Cidipe, nas *Heroides* de Ovídio, e a narrativa *Galateia*, de Madeline Miller, revela que a reescrita de mitos nos quais a violência de gênero está inscrita constitui um gesto crítico de fundamental importância para que essa violência deixe de ser percebida como fatalidade natural ou destino inexorável e passe a ser questionada, nomeada e enfrentada como problema social. Ao longo deste trabalho, buscou-se demonstrar que a literatura, longe de ser um espaço neutro ou meramente estético, opera como instrumento de conservação ou de subversão de estruturas de dominação. Quando Ovídio, na Roma Antiga, empresta sua pena a heroínas

ISSN: 2358-8829

mitológicas para que expressem suas dores, e quando Miller, na contemporaneidade, devolve a palavra à criatura de mármore transformada em esposa, o que está em jogo não é apenas um exercício de virtuosismo literário, mas a possibilidade mesma de tornar visível aquilo que o sistema patriarcal se empenhou em manter na sombra. A violência contra a mulher, em suas múltiplas faces, o casamento forçado, a manipulação religiosa e linguística, o controle do corpo e do espaço, a negação da subjetividade, só pode ser combatida quando é reconhecida como violência, e esse reconhecimento passa necessariamente pelas narrativas que a sociedade conta sobre si mesma.

No caso de Cidipe, a análise evidenciou uma das formas mais insidiosas de violência de gênero: aquela que se consuma pela manipulação da linguagem e pela cumplicidade das instituições. A jovem, ao ler em voz alta a inscrição gravada na maçã lançada por Acôncio, sela sem saber um juramento religioso que a vincula a um homem que jamais escolheu. O pai, o oráculo, a deusa Ártemis, todas as instâncias que deveriam protegê-la concorrem para legitimar uma união imposta por um artifício textual. Seu corpo doente, que adoece três vezes às vésperas das núpcias, torna-se a única linguagem de resistência disponível, ainda que insuficiente para reverter a decisão alheia. Esse episódio, narrado por Ovídio com sensibilidade e empatia, evidencia como o consentimento feminino pode ser fabricado por dispositivos religiosos, familiares e linguísticos que operam sob a aparência de legitimidade. Ao dar voz a Cidipe, o poeta romano não apenas denuncia a violência que ela sofre, mas também revela que essa violência não é um caso isolado, e sim uma engrenagem social que produz e reproduz o silenciamento das mulheres.

É preciso reconhecer, nesse ponto, o papel inovador de Ovídio. Homem romano da elite equestre, escrevendo em uma época em que as mulheres de famílias nobres tinham seus casamentos decididos pela família e em que a voz feminina raramente encontrava espaço na esfera pública, o poeta adota uma estratégia ousada: traveste sua escrita e compõe cartas em nome de heroínas mitológicas, emprestando sua pena às mulheres para que elas possam expressar dores que a sociedade de seu tempo tendia a ignorar. Essa operação, que aqui denominamos "travestimento escritural", tem um valor inegável, pois torna audível, ainda que por intermediação masculina, o sofrimento de personagens como Cidipe. Ovídio sabia que as mulheres escreviam, a pesquisa de León (2015) sobre Safo, Filenis, Elefantis, Nico de Samos e Astianasa o comprova, mas também tinha consciência de que a sociedade na qual estava inserido as ignorava e silenciava. Ao usar sua

ISSN: 2358-8829

passabilidade como homem de classe reconhecida para dar espaço às realidades femininas, Ovídio abriu uma fresta: mostrou que as mulheres tinham dores que mereciam ser contadas e que a poesia podia ser um veículo para essa denúncia.

No entanto, a crítica contemporânea, fundamentada em Cixous (2022) e Tatar (2022), observa que a voz ovidiana permanece limitada pelo olhar masculino. A linguagem jurídica e retórica de Cidipe, a representação quase erótica de seu corpo adoecido e a própria estrutura da carta como exercício literário revelam que o poeta fala *sobre* mulheres, e não *a partir* delas. Ovídio é simpático à causa feminina, mas sua simpatia opera dentro dos quadros de sua época e de sua posição social. A carta termina com a jovem ainda presa ao juramento que lhe foi imposto, sem que ela possa vislumbrar uma saída efetiva para sua condição. Essa limitação, contudo, não diminui o mérito do poeta: ao contrário, ela evidencia que a luta pela palavra feminina é um processo histórico, atravessado por avanços e recuos, e que cada época produz as condições possíveis para que as mulheres falem e sejam ouvidas.

É precisamente nesse horizonte que se inscreve a contribuição de Madeline Miller. Escrevendo a partir de um contexto moldado pelas conquistas do movimento feminista e pelos estudos de gênero, a autora contemporânea não se limita a falar pelas mulheres: ela cria as condições narrativas para que a mulher fale por si mesma. Ao transformar Galateia em narradora, em primeira pessoa, Miller devolve à personagem a agência que o mito ovidiano lhe negava. O relato permite que o leitor acesse não apenas os fatos da dominação, mas a experiência subjetiva de quem a sofre: o tédio, o medo, a raiva, o cálculo silencioso da fuga. A violência que Pigmalião exerce na versão de Miller não é física, mas estrutural: ele controla o espaço, o tempo e o corpo de Galateia, negando-lhe qualquer forma de sociabilidade ou autonomia. A protagonista toma consciência de sua condição e planeja a fuga, que executa com frieza e determinação. A transformação de pedra em mulher, que em Ovídio encerra a narrativa, em Miller é apenas o começo de uma outra história: a da mulher que decide deixar de ser objeto para tornar-se sujeito de sua própria vida.

A importância da versão de Miller reside, portanto, na materialização do sofrimento e das dores da personagem. Enquanto o mito ovidiano de Pigmalião apresenta um final feliz que pressupõe a negação da subjetividade feminina, a estátua ganha vida para pertencer àquele que a criou, sem memória, sem desejo autônomo, sem voz, a reescrita contemporânea explicita aquilo que o texto antigo deixa na sombra: a premissa

ISSN: 2358-8829

misógina de que uma "boa mulher" é aquela desprovida de identidade própria para além da função de servir a um homem. Miller faz questão de ressaltar aspectos que seriam repugnantes se pensássemos na narrativa mitológica acontecendo no mundo atual. Ao tornar visível essa premissa, a autora não apenas denuncia a violência do mito, mas também impede que ele continue sendo lido como uma história de amor ou de recompensa divina. A fuga de Galateia, narrada em primeira pessoa, materializa a recusa do silêncio e a conquista da palavra como instrumento de libertação.

A comparação entre os dois autores revela, assim, tanto continuidades quanto rupturas significativas. Ovídio, com todas as limitações de sua posição, abriu uma fresta ao mostrar que as mulheres tinham dores que mereciam ser contadas. Miller, partindo dessa fresta, escancarou a porta ao mostrar que as mulheres não apenas têm dores, mas têm histórias, projetos, estratégias e vozes capazes de reconfigurar os próprios termos em que a violência é narrada. A escrita feminina, nesse percurso, deixa de ser um apelo à compaixão masculina e passa a se constituir como exercício de autodeterminação narrativa. E é precisamente nesse deslocamento, do "falar sobre" para o "falar a partir de", que reside a contribuição mais decisiva da literatura para o enfrentamento da violência de gênero: não apenas tornar a violência visível, mas devolver às mulheres a palavra com que podem nomeá-la, denunciá-la e, sobretudo, recusá-la.

Nesse sentido, a reescrita de narrativas mitológicas nas quais a violência de gênero está presente cumpre uma função social que transcende o campo literário. Ao resgatar do passado experiências silenciadas e reinscrevê-las em um horizonte de inteligibilidade presente, a reescrita feminista não é um exercício de anacronismo, mas uma operação crítica que permite às sociedades contemporâneas reconhecerem, nos mitos antigos, as raízes de violências que ainda hoje se manifestam.

Por fim, cabe ressaltar que o percurso metodológico adotado, a leitura atenta das obras, o levantamento do aporte teórico e a análise comparativa, mostrou-se coerente com o objetivo proposto, na medida em que articulou a análise textual ao referencial selecionado e permitiu demonstrar a importância da escrita feminina e das reescritas mitológicas como instrumentos de denúncia e de ressignificação da experiência das mulheres. A pesquisa evidenciou que a literatura, quando lida com atenção às questões de gênero, revela-se um campo privilegiado para a compreensão das formas como as sociedades constroem, legitimam e contestam a dominação. Ovídio e Miller, separados por séculos, mas unidos pelo gesto de dar voz às mulheres, mostram que a palavra é um

território em disputa: pode ser instrumento de violência, quando usada para fabricar consentimentos e silenciar subjetividades, ou ferramenta de libertação, quando devolve às mulheres a possibilidade de narrar a própria história. A contribuição deste trabalho reside em demonstrar que a passagem da primeira à segunda possibilidade não é automática: exige o questionamento constante das narrativas herdadas e a coragem de reescrevê-las a partir de novas perspectivas. É nesse gesto de reescrita que a literatura se afirma, simultaneamente, como memória das lutas passadas e como promessa de futuros nos quais as mulheres possam falar, ser ouvidas e recusar, com voz própria, todas as formas de violência que ainda hoje se empenham em silenciá-las.

Palavras-chave: Ovídio, Voz Feminina, Violência de Gênero, Madeline Miller.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo***:* fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raíssa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LÉON, Vicki. **O prazer do sexo: uma celebração da luxúria, do desejo e do amor na antiguidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2015.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

MILLER, Madeline. **Galateia**. Tradução de Fernanda Cosenza. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

OVÍDIO. **Heroides**. Introdução, tradução e notas de Antonio Ramírez de Verger Jaén. Madri: AKAL/CLÁSICA, 2010.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

TATAR, Maria. **A heroína de 1001 faces:** o resgate do protagonismo na narrativa exclusivamente masculina da jornada do herói. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.